

EPÍTOME DE ZENÓBIO SINTETIZADA EM ORDEM ALFABÉTICA A PARTIR DOS PROVÉRBIOS DE TARREU E DÍDIMO: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO
EPITOME OF ZENOBIUS, SYNTHESIZED IN ALPHABETICAL ORDER FROM THE PROVERBS OF TARREUS AND DIDYMUS: A PROPOSAL FOR TRANSLATION INTO PORTUGUESE

TATIANA ALVARENGA CHANOCA*

Resumo: Este artigo consiste na proposição de uma tradução comentada, em português, dos cinco primeiros provérbios da primeira centúria da *Epítome de Zenóbio sintetizada em ordem alfabética a partir dos provérbios de Tarreu e Dídimos* (*Ζηνοβίου ἐπιτομή ἐκ τῶν Ταρραίων καὶ Διδύμων παροιμιῶν συντεθεισα κατὰ στοιχεῖον*), conforme a edição de E. L. von Leutsch e F. G. Schneidewin presente no primeiro volume do *Corpus Paroemiographorum Graecorum* (1839). Ao modo de uma breve introdução, será apresentado um panorama sobre a gênese e o uso geral dos provérbios, bem como sobre as coleções de provérbios na Antiguidade. Apresentam-se ainda os critérios que a tradução proposta busca seguir, considerando as peculiaridades do gênero proverbial e suas possibilidades de expressão no português do Brasil. Os cinco provérbios da coleção zenobiana aqui traduzidos e comentados oferecerão um terreno de experimentação preliminar de uma empreitada tradutória mais vasta ainda em curso.

Palavras-chave: Zenóbio; provérbios; tradução de provérbios; diálogo cultural.

Abstract: This article consists of the proposal of an annotated translation, in Portuguese, of the first five proverbs from the first century of the *Epítome of Zenobius synthesized in alphabetical order from the proverbs of Tarraeus and Didymus* (*Ζηνοβίου ἐπιτομή ἐκ τῶν Ταρραίων καὶ Διδύμων παροιμιῶν συντεθεισα κατὰ στοιχεῖον*), according to the edition of E. L. von Leutsch and F. G. Schneidewin, included in the first volume of the *Corpus Paroemiographorum Graecorum* (1839). By way of a brief introduction, an overview of the genesis and general use of proverbs will be presented, as well as of the collections of proverbs in Antiquity. The article also sets out the criteria that the proposed translation seeks to follow, taking into account the peculiarities of the proverbial genre and its possibilities of expression in Brazilian Portuguese. The five proverbs from the

* Pesquisadora e bolsista PDJ do CNPq na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8541-1719>. Email: tatianachanoca@gmail.com.

Zenobian collection translated and commented here will serve as a preliminary testing ground for a broader translation undertaking still in progress.

Keywords: Zenobius; proverbs; translation of proverbs; cultural dialogue.

Atestado pela primeira vez na peça *Agamêmnon*, de Ésquilo (representada em 458 a.C.), o termo *παροιμία* (comumente traduzido como “provérbio”, assunto que será abordado mais adiante) teve seu significado e sua etimologia amplamente discutidos já na Antiguidade, sendo possível que uma suposta obra perdida intitulada *Provérbios*, atribuída a Aristóteles por Diógenes Laércio (V, 26), tenha sido o ponto de partida para estudos posteriores¹. Numa edição de provérbios atribuída erroneamente a Diogeniano (gramático do século II d.C.), são apresentadas as duas principais hipóteses para a etimologia da palavra *παροιμία*: uma delas liga *παροιμία* a ὅμοιος (ou ὁμοῖος, “semelhante”), sugerindo assim “serem chamados provérbios pelo fato de demonstrarem algo semelhante [ὁμοιόν] sobre o que dizem”². Embora essa hipótese seja considerada incorreta, ela pode ser explicada através da relação que Aristóteles faz entre “provérbio” e “metáfora”, em que esta é baseada em relações de semelhança (ὁμοιος; *Poética*, 1459a 7-8), e tanto ela quanto o provérbio se sobrepõem a um enunciado textual, literal, um outro enunciado, externo ao texto propriamente dito, “e ao que se referem metaforicamente [...] para expressar um conceito mais amplo” (García Romero, 1999, p. 220).³ A outra hipótese, mais amplamente aceita afirma que:

O provérbio [assim] é nomeado, dizem alguns, por causa dos caminhos [τῶν οἴμων], e assim as estradas eram chamadas. E os homens, quantas coisas de utilidade comum encontravam, estas escreviam ao longo das estradas

¹ García Romero, 1999, p. 119. Diversos estudiosos negam a existência dessa obra, afirmando que Diógenes Laércio estaria apenas se referindo às alusões que Aristóteles costuma fazer em suas obras (Sánchez-Elvira; García Romero, 1999, p. 13), mas é digno de nota que D. L., nessa passagem, faz um catálogo das obras de Aristóteles, informando seus títulos e em quantos livros elas foram divididas. Além disso, Sinésio de Cirene (*Elogio da calvície*, 22, 2-4) parece fazer uma alusão a essa obra. Por outro lado, diz Ateneu (II, 56, 25-28) “que Cefisodoro, o discípulo de Isócrates, nos *Contra Aristóteles* (e destes há quatro livros) censura o filósofo por não ter feito digno de discurso coletar provérbios” (ὅτι Κηφισόδωρος ὁ Ἰσοκράτους μαθητῆς ἐν τοῖς κατὰ Ἀριστοτέλους [τέσσαρα δ’ ἐστὶ ταῦτα βιβλία] ἐπιτιμᾷ τῷ φιλοσόφῳ ὡς οὐ ποιήσαντι λόγου ἄξιον τὸ παροιμίας ἀθροῖσαι), o que pode sugerir que tal livro não existisse. Salvo indicação contrária, todas as traduções do grego são minhas.

² “Ἐνιοὶ δὲ φασὶ προσηγορεῦσθαι τὰς παροιμίας ἀπὸ τοῦ ὁμοίων τι ἐφ’ οἷς λέγονται δηλοῦν παροιμίας τυγχανούσας (Διογενιανοῦ περὶ παροιμιῶν, p. 1.7-8).

³ Salvo indicação contrária, todas as traduções de textos em língua estrangeira são minhas.

frequentadas, para que muitos dos que passassem [por ali] compartilhassem de sua utilidade (Diogeniano, *Διογενιανού περὶ παροιμιῶν*, p. 1.1-5).⁴

Desse modo, os provérbios seriam discursos úteis que viriam de ditos trocados entre companheiros de viagem, podendo ser inscritos nas estradas mais frequentadas (daí *παροιμία*, “junto ao caminho” [*παρὰ οἴμος*]) para que outros viajantes pudessem se beneficiar deles.⁵ Embora o significado preciso de cada provérbio seja inicialmente enigmático, ele pode ser revelado através do contexto, isto é, por meio de um discurso mais evidente,⁶ que revelará a sabedoria que há em seu interior.⁷

O nome dos provérbios se aplica entre os pagãos aos discursos mais populares e às coisas que são conversadas nas estradas, como é comum; pois entre eles a estrada [*ἡ ὁδός*] é chamada *οἴμος* [‘caminho’, ‘estrada’], daí também definiam a *παροιμία*, expressão usada constantemente para proveito de muitos, e que são capazes de, com pouco, substituírem muitas coisas semelhantes. Mas entre nós o provérbio é um discurso útil que exprime algo de forma moderadamente oculta, por um lado envolvendo espontaneamente a sua utilidade, e por outro, muita inteligência ocultando em seu interior (Basilius, *Homilia in principium proverbiorum*, 31, 388, 24-34).⁸

⁴ Τὴν παροιμίαν ὀνομάζεσθαι φασὶ τινες ἀπὸ τῶν οἴμων· οὕτω δὲ αἱ ὁδοὶ ἐκαλοῦντο. Οἱ δὲ ἄνθρωποι, ὅσα κοινωφελῆ εὗρισκον, ταῦτα κατὰ λεωφόρους ὁδοὺς ἀνέγραφον ὑπὲρ τοῦ πλείονος ἐντυγχάνοντας τῆς ὀφελείας μεταλαμβάνειν.

⁵ Cf. Hesíquio (Hes.), π, 964: “παροιμία: discurso útil para a vida, sendo dito junto à estrada, como a *παροδία* [‘pela estrada’], pois *οἴμος* significa ‘estrada’ [ὁδός] (<παροιμία>· βιωφελῆς λόγος, παρὰ τὴν ὁδὸν λεγόμενος, οἷον παροδία. <οἴμος> γὰρ ἡ ὁδός)”. Note-se que esta é a etimologia proposta atualmente por Pierre Chantraine (1999, *s.v.* οἴμος) e Robert Beekes (2010, *s.v.* παροιμία).

⁶ Cf. *Suda*, π, 733: “Παροιμία: discurso útil. Mal empregado, é todo relato transitório: pois *οἴμος* significa ‘estrada’. Ou *provérbio* é um discurso enigmático que é explicado através de outro [discurso] mais evidente” (<Παροιμία>· τί ἐστὶ παροιμία; λόγος ὀφέλιμος, καταχρηστικῶς δὲ πᾶν παροδικὸν διήγημα· οἴμος γὰρ ἡ ὁδός. ἢ <Παροιμία> ἐστὶ λόγος ἀπόκρυφος, δι’ ἑτέρου προδήλου σημαίνόμενος).

⁷ *Etymologicum Magnum*, 654, 15-20: “Παροιμία: de οἴμος, que significa ‘estrada’, οἰμία, então παροιμία. E é a παροιμία um discurso útil que tem em si um significado moderadamente oculto onde está a sua utilidade, e muito significado em seu interior”. (<Παροιμία>· Παρὰ τὸ οἴμος, ὁ σημαίνει τὴν ὁδὸν, οἰμία καὶ παροιμία. Ἔστι δὲ παροιμία λόγος ὀφέλιμος μετ’ ἐπικρύψεως μετρίως αὐτόθεν ἔχων τὸ χρίσιμον, καὶ πολλὴν τὴν ἐν τῷ βάθει διάνοιαν). Ver também a definição oferecida no *Etymologicum Gudianum* (π, 454, 40-47).

⁸ Τὸ τῶν παροιμιῶν ὄνομα ἐπὶ τῶν δημοδεστέρων λόγων παρὰ τοῖς ἔξωθεν τέτακται, καὶ ἐπὶ τῶν ἐν ταῖς ὁδοῖς λαλουμένων, ὡς τὰ πολλὰ· οἴμος γὰρ παρ’ αὐτοῖς ἡ ὁδός ὀνομάζεται, ὅθεν καὶ τὴν παροιμίαν ὀρίζοντο, ῥῆμα παρόδιον τετριμμένον ἐν τῇ χρήσει τῶν πολλῶν, καὶ ἀπὸ ὀλίγων ἐπὶ πλείονα ὁμοια μεταληφθῆναι

Pode-se considerar, por fim, que o termo *παροιμία* estaria ligado a um uso metafórico da palavra *οἶμος* para designar “canto”, sendo “um canto ou poema [...] um caminho que o poeta percorre” (Sánchez-Elvira; García Romero, 1999, p. 11). Logo, *παροιμία* seria aquilo que “está junto da narrativa” – assim como o proêmio (*προοίμιον*), formado por *πρό* e *οἶμος* ou *οἶμη* (= *οἶμος*; metaf., “caminho de um canto”, “canto”),⁹ é “o que precede a narrativa”, “o que precede o canto” –, e então, embora o provérbio não pertença à narrativa propriamente dita, ele “se deduz dela como corolário, como um ensinamento de sabedoria universal que se desprende de um [...] relato que se narrou” (Sánchez-Elvira; García Romero, 1999, p. 11).

Não é incomum a presença dos provérbios na literatura em geral (tanto antiga como moderna), e assim como ocorre no seu uso oral, eles se integram ao discurso e aos seus elementos internos, ocupando, assim, um lugar estratégico dentro do enunciado. Sua função na literatura é também semelhante à função na oralidade, podendo confirmar “o sentido do texto, realizando uma espécie de registro de uma ‘fala comum’ que é reativada no texto para confirmar a própria fala do narrador; [ou exercer] [...] uma função desconstrutiva e irônica do conteúdo posto” (Moreira, 2022, s.p.). Os provérbios serviriam, na linguagem oral e literária, para “adornar o estilo”, como diz (de forma bastante irônica, note-se) Machado de Assis no conto “Teoria do Medalhão”:

Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocardos jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremsa, de felicitação, ou de agradecimento. *Caveant consules* é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do *Si vis pacem para bellum*. Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício: seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil (Assis, 1961, p. 107).

Os provérbios são sobretudo elementos do discurso informal, pertencente à linguagem coloquial, não culta – apesar de poderem ser integrados a ela –, o que faria com que eles em princípio não fossem usados em textos literários,

δυνάμενον. Παρὰ δὲ ἡμῖν παροιμία ἐστὶ λόγος ὠφέλιμος, μετὰ ἐπικρύψεως μετρίας ἐκδεδομένους, πολὺ μὲν τὸ αὐτόθεν χρήσιμον περιέχων, πολλήν δὲ καὶ ἐν τῇ βάρει τὴν διάνοιαν συγκαλύπτων.

⁹ *LSJ*, s.v. οἶμη. Ver ainda Chantraine (1999), s.v. οἶμη e Beekes (2010), s.v. παροιμία e οἶμη.

que costumam adotar a norma culta padrão. Contudo, devido à sua riqueza e expressividade, os provérbios tendem a ter um amplo espectro de usos, em virtualmente todas as línguas e culturas conhecidas. Por outro lado, o seu uso nos textos literários testemunha um esforço de “totalização da cultura” na medida em que integra no registro culto os saberes tradicionais de um povo ou de uma comunidade determinada. Trata-se pois de uma forma de atualização da história das relações humanas, pois “é preciso pensar na tradição não como significante de algo ‘anterior’ à modernidade, mas algo que subsiste na memória, permanecendo viva” (Sousa, 2017, p. 221).¹⁰

1. SOBRE AS COLEÇÕES DE PROVÉRBIOS

1.1 Breve panorama das principais coleções

O uso de provérbios é constante na literatura grega; suas primeiras manifestações registradas estão em Homero, Hesíodo e Arquíloco, e na época clássica os provérbios aparecem em todos os gêneros literários, sobretudo em autores que buscavam reproduzir, em alguma medida, a linguagem coloquial, como é o caso da comédia¹¹. Assim, observa-se que nas comédias eram mais usados os provérbios sobre deuses e heróis, animais e elementos inanimados, bem como provérbios anedóticos, presentes também na retórica; por sua vez, os poemas épicos e as tragédias “apresentam com mais frequência exemplos de expressões espirituosas construídas sobre personificações de conceitos éticos” (Lelli, 2007, p. 147). Isso evidencia que, de maneira geral, a escolha dos tipos de provérbios – isto é, de sua forma e da lição que eles transmitem – “dependia da conotação sociolinguística dos autores gregos” (Lelli, 2007, p. 147).

O ponto de partida para a paremiologia grega foi provavelmente Aristóteles, que teria iniciado um estudo mais sistemático dos provérbios, e a partir do século IV a.C. constata-se um grande interesse por parte dos filólogos por reuni-los e explicá-los.

A partir de Aristóteles, o caráter metafórico ou alegórico como traço peculiar [...] do provérbio será uma ideia frequentemente repetida, em especial

¹⁰ Sobre o uso de provérbios na literatura, ver o artigo “Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares”, de Hudinilson Urbano (2008), que faz ainda um breve levantamento da presença de provérbios em diferentes estilos de textos literários. Cf. referência ao final.

¹¹ Sánchez-Elvira; García Romero, 1999, p. 12.

pelos tratadistas de retórica, nos quais reencontramos também frequentemente o conceito de provérbio como uma filosofia popular cuja venerável antiguidade lhe concede credibilidade e autoridade (Sánchez-Elvira; García Romero, 1999, p. 15-16).

Aparentemente, então, os provérbios foram estudados principalmente no âmbito das tradições peripatética e estoica. Acredita-se que Teofrasto (c. 371/0-287/6 a.C.) tenha sido o primeiro a distinguir provérbio de apotegma (παροιμία e ἀπόφθεγμα) em seu tratado *Sobre os provérbios*¹²; é atribuído a Clearco de Soles (c. 340 a.C.-séc. III a.C.) um tratado também intitulado *Sobre os provérbios* (Περὶ παροιμιῶν), no qual ele relacionaria, de certo modo, provérbios e adivinhações (γρίφοι);¹³ a Crisipo de Solos (c. 281/77-208/4 a.C.) é atribuída a compilação *Sobre os provérbios, para Zenódoto*, em dois livros – apesar de ele ter sido criticado por haver alterado alguns deles para que se adequassem às suas ideias, é a partir de sua obra que se passaria a explicar a etimologia de παροιμία a partir de οἶμος¹⁴. Merece destaque, ainda, o *atidógrafo* Démon, que teria escrito uma coleção de quarenta livros intitulada *Sobre os provérbios*¹⁵, na qual ele teria recorrido a argumentos lendários e históricos para explicar os provérbios, mas seu trabalho foi criticado por “falta de rigor e sérios erros cronológicos em suas hipóteses” (Guevara de Álvarez, 2007, p. 40). Nenhuma dessas obras foi preservada, restando delas apenas fragmentos, citações e menções em autores posteriores.

Na época alexandrina, os provérbios começaram a ser coletados com fins principalmente literários e históricos. Entre outros compiladores – dos quais em geral temos poucas informações além dos seus nomes, como Dionisiodoro, Calístrato, Eufrônio –, merece destaque Aristófanos de Bizâncio (c. 265-190 ou 257-180 a.C.), um dos principais gramáticos alexandrinos, que produziu uma extensa coleção de provérbios, organizados em seis livros, sendo dois dedicados a provérbios em versos, e quatro, a provérbios sem métrica. Mas uma das principais obras para a paremiologia é a de Dídimo (c. 80-10 a.C.), importante gramático grego da segunda metade do século I a. C., a quem é atribuído um compêndio sobre provérbios organizado em treze livros. Seu

¹² Cf. D. L. V, 45; Theophrastus. *Fragmenta*, 132; Ruprecht, 1949, col. 1737.

¹³ Cf. Athenaeus. *Deipnosophistae*, X, 86-87; ZUCKER, 2022, p. 497.

¹⁴ Cf. Chrysippus. *Fragmenta ad singulos libros relata*, XLV; D. L. VII, 200; Plutarchus. *Plutarchi vitae parallelae* – Aratus, 1, 1; Sánchez-Elvira; García Romero, 1999, p. 19-20, Guevara De Álvarez, 2007, p. 40.

¹⁵ Cf. Crusius, II, § 4; Sánchez-Elvira; García Romero, 1999, p. 19 (nota 22); Guevara De Álvarez, 2007, p. 40.

trabalho teria sido uma das fontes de Zenόbio – sofista grego que ensinou retόrica em Roma durante o impέριο de Adriano (117-138 d.C.) –, que é, por sua vez, a base da maioria das coleções posteriores, ocupando mesmo um lugar de destaque na tradição paremiogrάfica grega¹⁶. Hά extensas coleções elaboradas por eruditos bizantinos, dentre as quais destacamos a de Gregόrio Cίπριο, patriarca de Constantinopla entre 1283 e 1287, cuja obra, datada do sέculo XIII, estά registrada numa grande variedade de cόdices que datam dos sέculos XIV e XV;¹⁷ Macάριο Crisocέfalo, escritor eclesiάstico grego que viveu em meados de 1290 ou c. 1305-1382, e cuja coleçάo, com 796 provέrbios foi conservada num único cόdice¹⁸; Miguel Apostόlio (c. 1440, possivelmente teria vivido entre c. 1422-1476), copista grego responsάvel pela compilação mais extensa, com 18 centúrias, e seu filho, Arsέnio, que depois da morte de Apostόlio seguiu completando seu trabalho, para o que recorreu nάo tanto “à tradição paremiogrάfica propriamente dita, mas sim a léxicos e antologias, e acrescentou, alέm de provέrbios, sentençās, apotegmas e histόrias mίticas” (Sánchez-Elvira; Garcίa Romero, 1999, p. 43).

1.2 Zenόbio

Intitulada de *Επίτομη δε Ζηνόβιο συντετιζαδα εμ ορδεμ αλφαιβητικα α παρτιρ dos provérbios de Tarreu e Dídimo* (Επιτομή έκ τών Ταρραίου και Διδύμου παροιμιών συντεθεισα κατά στοιχειών), a obra de Zenόbio nάo chegou completa até nós, mas apenas na forma de resumos que sofreram modificações e adiçōes, sendo que ela mesma jά era um resumo do trabalho de eruditos anteriores.

Desse modo, nosso *CPG* [*Corpus Paroemiographorum Graecorum*] estά formado por coleções de provέrbios que sάo resumos de outros resumos anteriores, tanto no que concerne ao nύmero de provέrbios que foram recolhidos, como no que se refere à qualidade e à quantidade das explicações, pelo que nάo resulta estranho que o texto apresente com certa frequέncia dificuldades de interpretação por causa dos erros e tambέm da excessiva concisάo que esse processo envolveu (Sánchez-Elvira; Garcίa Romero, 1999, p. 25-26).

O título da obra de Zenόbio sugere alguma ambiguidade: de fato, ele pode indicar que Zenόbio preparou uma építome a partir de compiladores

¹⁶ Guevara De Álvarez, 2007, p. 40.

¹⁷ *Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, s.v. Gregorius [2]; Sánchez-Elvira; Garcίa Romero, 1999, p. 41-42.

¹⁸ Smith, 1867, s. v. Chrysocephalus Macarius; Sánchez-Elvira; Garcίa Romero, 1999, p. 42.

diferentes – Tarreu e Dídimo, sendo Tarreu provavelmente Lucilo de Tarra (I d.C.) que teria escrito livros sobre provérbios e obras acerca de questões gramaticais e de cunho histórico, podendo inclusive ser identificado com o poeta Lucilo (ou Lucílio) cujos poemas foram em parte recolhidos na *Antologia Palatina* –, mas é possível concluir também que Zenóbio fez uma epítome de “uma” recompilação de provérbios, conhecida com os nomes de Dídimo e de Tarreu porque este teria feito uma epítome do trabalho daquele. Como há, porém, partes do texto de Zenóbio que não remontam a Dídimo, é possível supor que outra recompilação de Tarreu tenha sido consultada, diferente da de Dídimo, ou que Tarreu ampliou a obra de Dídimo a partir de outras fontes, como outros compiladores fizeram posteriormente¹⁹.

As compilações atribuídas a Zenóbio que foram preservadas podem ser divididas em dois grupos: a redação chamada *Atos* e a *vulgata* – i.e., “divulgada” –, sendo possivelmente a primeira a que reproduz melhor a estrutura original do trabalho zenobiano, enquanto a segunda, embora não tenha mantido a estrutura original, foi a base da *editio princeps* florentina (1497). Assim, a partir dela o trabalho foi ordenado alfabeticamente e deixou de ser dividido em livros, como o é a redação *Atos*. A redação *Atos* é formada por cinco coleções de provérbios, em que as três primeiras recebem o título *Epítome de Zenóbio dos provérbios de Tarreu e Dídimo*, mas as duas últimas não derivariam de Zenóbio: a quarta é uma coleção intitulada “*Plutarco. Sobre os provérbios dos alexandrinos*” e a quinta, sem título, é uma recompilação de refrões ordenados alfabeticamente. Contudo, muitos dos provérbios presentes nessas duas últimas coleções foram incluídos na redação *vulgata*, que seria fruto do trabalho de um compilador (ou de compiladores) bizantino que mesclou e organizou alfabeticamente os provérbios das cinco coleções que formam a redação *Atos*, por acreditar, talvez, que todas elas procediam de Zenóbio.

Foram conservadas três variantes da *vulgata*: *Zenóbio Parisino*, *Zenóbio Bodleiano* e *Zenóbio Diogeniano*, sendo a coleção *Zenóbio Parisino* a que foi conservada com o título *Epítome de Zenóbio sintetizada em ordem alfabética a partir dos provérbios de Tarreu e Dídimo*. Composta por 552 provérbios ordenados alfabeticamente, a qualidade e a amplitude das explicações presentes nela são notáveis, e por isso acredita-se que ela reproduziria melhor o aspecto da *vulgata*. A coleção *Zenóbio Bodleiano*, que recebeu o título de *Provérbios populares em ordem alfabética*, é a mais longa das três variantes,

¹⁹ Sánchez-Elvira; García Romero, 1999, p. 23-24.

possuindo 972 provérbios, mas a qualidade das explicações é em geral inferior à da coleção *parisina*. A variante *Zenóbio Diogeniano*, por fim, é uma coleção procedente de Zenóbio que foi erroneamente atribuída a Diogeniano. Ela foi dividida em três coleções: *Pseudo-Diogeniano*, composta por 787 provérbios sob o título de *Provérbios populares, da recompilação de Diogeniano*, com explicações em geral muito resumidas; *Diogeniano Vindobonense*, com 301 provérbios que foram publicados sob o título de *Provérbios populares, da recompilação de Diogeniano em ordem alfabética*, apresentando explicações superiores às do *Pseudo-Diogeniano*; *Recensão D1*, intitulada *Provérbios populares, da recompilação de Diogeniano*, que contém mais de 900 provérbios e explicações breves; *Recensão D2*, com mais de 600 provérbios sob o título de *Provérbios em ordem alfabética*, e a *Recensão D3*, intitulada *Provérbios em ordem alfabética, recompilados de toda a cultura grega, muito úteis* ou só *Provérbios em ordem alfabética*, que conta com quase 800 provérbios e explicações extensas.

No que concerne às edições críticas e recompilações posteriores, destacam-se a *editio princeps*, que contém apenas o *Zenóbio Parisino*, feita por Benedetto Riccardini (1497); a obra *Adagiorum Cbiliades Tres* (1508), de Erasmo de Roterdã, em que ele editou e comentou grande parte do acervo paremiológico greco-latino, tendo publicado em 1536 uma nova coleção com mais provérbios do que a anterior; o trabalho de Andreas Schott, *Paroimíai Hellenikaí. Adagia sive proverbialia Graecorum* (1612), que foi a primeira a apresentar a divisão em centúrias; e os dois volumes do *Corpus Paroemiographorum Graecorum* (1839, 1851) editados por E. L. von Leutsch e F. G. Schneidewin, trabalho que, mesmo já um pouco defasado – visto que outras edições mais completas foram feitas posteriormente –, ainda é a principal obra de referência para os estudos de paremiografia grega²⁰.

2. Sobre a tradução apresentada

Neste artigo será apresentada uma tradução comentada dos cinco primeiros provérbios da primeira centúria do códice *Parisino* da *Epítome de Zenóbio sintetizada em ordem alfabética a partir dos provérbios de Tarreu e Dídimos* de Zenóbio,²¹ obra que está dividida em seis centúrias (isto é, grupos

²⁰ Todas as informações oferecidas aqui sobre a transmissão do texto de Zenóbio foram retiradas de Sánchez-Elvira; García Romero, 1999.

²¹ Será seguida a edição de E. L. von Leutsch e F. G. Schneidewin, presente no primeiro volume do *Corpus Paroemiographorum Graecorum* (2010 [1839]), sendo informado em nota

de cem provérbios, sendo que a última contém apenas 52), em cada uma das quais os provérbios estão organizados em ordem alfabética, com uma explicação de seu significado e, muitas vezes, a sua origem. Neste sentido, é a própria natureza do gênero proverbial que se buscará manter, já que se trata de uma literatura “popular” que encerra em sua gênese um sofisticado trabalho semântico sedimentado pelo uso através de gerações sucessivas de falantes de uma determinada língua. Em suma, o que este trabalho de tradução propõe – como aliás toda tradução de uma obra antiga – é um diálogo diacrônico entre duas culturas diferentes.

O primeiro problema que se apresenta é a questão da tradução para o português do termo grego *παροιμία* – “provérbio, máxima, dito; figura, comparação”; “parábola”²² –, mais abrangente do que o nosso “provérbio”, ou “dito”, “rifão”, “máxima” etc., já que ele engloba também as expressões idiomáticas. Comparem-se, por exemplo, as seguintes *παροιμίες* presentes na primeira centúria de Zenóbio: 1, 6: “Ποῦχος *agamemmnōnicos*: sobre os grandes trabalhos. Pois conta-se que Agamêmnon teria cavado poços ao redor da Áulide e em muitos lugares da Hélade”²³. I, 15: “‘Não desprezes o orador rústico’. O provérbio recomenda que não convém desprezar os simples”²⁴. A primeira seria uma expressão idiomática, isto é, uma “sequência de palavras com significado próprio, não construído pelo nexos dos significados das palavras que a formam” (*Dicionário Aulete*, s.v. expressão)²⁵ – ou seja, ela se refere a grandes trabalhos, e não a poços em si, que estão apenas na possível origem da expressão –; enquanto a segunda seria para nós um provérbio propriamente dito, um “dito sucinto [...] que expressa suposta sabedoria popular” (*Dicionário Aulete*, s.v. provérbio) que muitas vezes traz um conselho ou uma admoestação. Assim, na tradução proposta ele será vertido, de modo convencional, por “provérbio”, i.e., algo que está “no lugar de uma palavra ou conselho” (Valpy, 1828, s.v. *Proverbium*) ou “parêmia”,

de rodapé quando os provérbios estiverem presentes nos outros códices e manuscritos (em especial os códices *Bodleiano*, *Atos* e *Coislino*), bem como quando eles forem atestados de maneira igual ou semelhante nas outras fontes paremiográficas.

²² *LSJ*, s.v. *παροιμία*; Bailly, 1950, s.v. *παροιμία*.

²³ <Ἀγαμέμνονεα φρέατα> ἐπὶ τῶν μεγάλων ἔργων. Ἱστοροῦσι γὰρ τὸν Ἀγαμέμνονα περὶ τὴν Αὐλίδα καὶ πολλαχοῦ τῆς Ἑλλάδος φρέατα ὀρύξαι.

²⁴ <Ἀγροίκου μὴ καταφρόνει ῥήτορος> ὅτι μὴδὲ τῶν εὐτελῶν χρῆ καταφρονεῖν, παραινεὶ ἢ παροιμία.

²⁵ O *Dicionário Aulete* foi usado aqui como um ponto de partida, para ir tirando a análise do lugar comum para levá-la a uma dimensão mais científica.

que significa “alegoria breve; expressão proverbial” (*Dicionário Aulete*, s.v. parêmia).

Passando agora ao texto em si, uma das principais discussões a respeito da prática da tradução é a da fidelidade: traduzir não é “apenas um trabalho intelectual, teórico ou prático, mas também um problema ético. Levar o leitor ao autor, levar o autor ao leitor, com o risco de servir e de trair dois mestres” (Ricœur, 2012, p. 48-49).

Dois parceiros são de fato colocados em relação pelo ato de traduzir, o estrangeiro – termo cobrindo a obra, o autor, sua língua – e o leitor, destinatário da obra traduzida. E, entre os dois, o tradutor, que transmite, faz passar a mensagem inteira de um idioma ao outro (Ricœur, 2012, p. 22).

São dois os métodos de tradução mais utilizados para verter provérbios: ou bem é feita uma tradução literal, que mantém as suas referências originais, ou bem se busca na língua de chegada um provérbio equivalente ou semelhante. Sendo os provérbios parte integrante do patrimônio de cada povo, sua tradução literal permite sua revitalização e a transmissão de certo elemento da cultura da língua de partida para a língua de chegada²⁶; por outro lado, essa opção talvez exija a inserção de uma nota ou explicação na tradução, já que o sentido do provérbio pode não ser claro para outras culturas. Mas há ainda uma terceira via de tradução, o “método de conciliação”, que, como o nome já sugere, une a tradução literal e o método da equivalência, que a princípio parecem opostos.

Para um provérbio da língua de partida que o tradutor deve transmitir, ele deverá buscar os moldes equivalentes na língua de chegada, os quais serão saturados (preenchidos) pela tradução literal do provérbio de partida na língua de chegada. O processo se desenvolve em três etapas: a tradução literal do provérbio da língua de partida na língua de chegada; a procura por moldes equivalente no universo parêmico da língua de chegada e a saturação dos moldes encontrados pela tradução literal já realizada (Yao Yao, 2020, p. 39).

Independentemente do critério adotado, o objetivo do tradutor consiste em fazer com que o receptor do texto perceba que se trata de um provérbio; tal objetivo é mais prontamente atingido se for seguido o método de equivalência, mas caso seja adotada a tradução literal ou o método de conciliação,

²⁶ Cf. Yao Yao, 2020.

o tradutor deve tentar copiar a estrutura que os provérbios costumam ter na língua de chegada. Na tradução aqui proposta, será adotado o método de conciliação: os paralelos com a língua portuguesa serão buscados, mas isso será feito de modo a não alterar as referências culturais de cada provérbio, pois “são as essas imagens que fazem a particularidade dos provérbios em cada povo” (Yao Yao, 2020, p. 44). Um exemplo: 1, 16: Ἀγναμπτότατος βάτος αἴος seria, literalmente, “o arbusto seco é muito inflexível”, mas com a intenção de dar ao texto uma sonoridade mais proverbial em português, ele poderia ser vertido por “arbusto seco verga menos”, uma tradução mais eficaz que não perde a imagem original e mantém também a relação com a explicação: ἐπὶ τοῦ σκληροῦ καὶ αὐθάδους τὸν τρόπον, “sobre quem tem temperamento duro e arrogante”. Note-se que, embora os provérbios coletados por Zenóbio não estejam inseridos num contexto literário, eles vêm acompanhados de seu significado – logo, de suas referências –, o que servirá para guiar a tradução.

Em sua acepção moderna, um provérbio é “uma frase popular e tradicional, fixa [...] que se refere a um conhecimento humano geral, geralmente prático” (Cancik; Schneider, 2000, *s.v.* Paroimia). Seu conteúdo é em geral uma advertência ou admoestação, e a imagem que os provérbios transmitem se baseia na vida cotidiana e no conhecimento comum, incluindo elementos históricos, pessoas e lugares, por exemplo. As compilações de provérbios foram feitas para que a sabedoria contida neles pudesse ser transmitida entre as gerações²⁷, pois, como teria dito Aristóteles, os provérbios “são resíduos de uma filosofia antiga que se perderam nas grandes ruínas dos homens, tendo sobrevivido devido à sua concisão e inteligência” (Sinésio de Cirene, *Elogio da calvície*, 22, 1-4).²⁸

[...] O seu uso não se limita ao oral, ao cotidiano, onde serve para o esvaziar de sentido, para reforçar ideias, para mostrar erudição, para contradizer ou para divertimento. Os textos literários também a eles recorrem para criticar costumes (através da sátira ou ironia), para exemplificar ações, para reforçar ideias, para dar autoridade às ideias do autor, para mostrar erudição e mesmo para ensinar a língua e os valores (Mimoso, 2008. p. 157).

Apesar de os provérbios coletados por Zenóbio dizerem respeito à sua cultura e sua época (mas fazem parte de sua compilação versos mais antigos,

²⁷ Cancik; Schneider, 2000, *s.v.* Paroimia.

²⁸ εἰ δὲ καὶ ἡ παροιμία σοφόν· πῶς δ' οὐχὶ σοφὸν περὶ ὧν <Ἀριστοτέλης> φησὶν ὅτι παλαιᾶς εἰσι φιλοσοφίας ἐν ταῖς μεγίσταις ἀνθρώπων φθοραῖς ἀπολομένης ἐγκαταλείμματα, περισσώθεντα διὰ συντομίαν καὶ δεξιότητα.

presentes em autores como Homero e Hesíodo), o caráter universalizante dos provérbios faz com que seu estudo e tradução possam nos ajudar a entender ditados e noções que temos ainda hoje, permitindo, assim, paralelos entre a cultura helênica e a brasileira. Neste sentido, o trabalho proposto pretende não só verter o texto zenobiano para a língua portuguesa – cabe frisar, numa tradução pioneira, já que não há outras traduções de Zenóbio para o português –, mas também evidenciar a importância social e cultural do uso dos provérbios e das frases idiomáticas, uso esse que segue sendo transmitido a cada geração, buscando ainda traçar paralelos, quando possível, entre os provérbios gregos antigos e aqueles usados atualmente em língua portuguesa, sobretudo no Brasil.

*Epítome de Zenóbio sintetizada em ordem alfabética a partir dos provérbios de Tarreu e Dídimo*²⁹

1.1 <Ἀβυδηνὸν ἐπιφόρημα>

ἐπὶ τῶν ἀηδῶν τάττεται ἡ παροιμία. Μέμνηται δὲ αὐτῆς Εὐδόξος ἐν Ὑποβολιμαίῳ. Φασὶ δὲ ὅτι τοῖς Ἀβυδηνοῖς ἔθος ἦν μετὰ τὸ δεῖπνον καὶ τὰς σπονδὰς προσάγειν τοὺς παῖδας μετὰ τῶν τιθῶν τοῖς εὐωχομένοις· κεκραγῶτων δὲ τῶν παίδων καὶ θορύβου γινομένου διὰ τὰς τίθας, ἀηδῖαν εἶναι πολλὴν τοῖς δαιτυμόσιν. Εἴρηται δὲ ἡ παροιμία καὶ ἀπὸ τοῦ ὕπ· αὐτῶν συκοφαντεῖσθαι τοὺς ξένους· ἔνθεν Ἀριστοφάνης τὸν συκοφάντην Ἀβυδοκόμην εἶπεν.³⁰

Uma sobremesa de Abidos

O provérbio se refere às coisas desagradáveis. Lembrou-se dele Eudoxo em *Ilegítimo*³¹. Dizem que era um costume entre os “abidenses” depois do banquete e das libações apresentar as crianças, junto de suas babás, aos que se refestelaram. Mas com a gritaria das crianças e o burburinho que corria entre as babás, havia um grande incômodo entre os convivas. E o provérbio também alude ao fato de eles [i.e., os “abidenses”] delatarem os estrangeiros: daí Aristófanes chamar um sicofanta de “Abidocomes”.³²

Sobre essa “fama” dos “abidenses”, diz Eustácio: “é também sabido que mais tarde Abidos foi associada proverbialmente a um sicofanta, por se

²⁹ Esta é uma tradução em andamento, feita com o apoio do CNPq (Bolsa PDJ, Chamada 32/2023). Embora aqui sejam apresentados só os cinco primeiros provérbios, a pesquisa em questão visa traduzir e comentar a primeira centúria completa.

³⁰ *Bodleiano* (doravante, B) 1.

³¹ Cf. *Comicorum Atticorum Fragmenta (CAF)* v. III, fr. 2 (p. 332).

³² Cf. *CAF*, v. III.2, Fr. 755 (733), p. 376.

considerar que os ‘abidenses’ eram sicofantas. Daí também as coisas que têm ares de delações [serem chamadas de] ‘abidocomas’³³.

É interessante notar que, entre as fontes paremiográficas, apenas Zenóbio menciona as duas possíveis referências do provérbio: na *Suda* (α, 100) é dito que o provérbio viria do costume de apresentar as crianças aos convidados após a refeição, pois a gritaria que elas faziam e o barulho de suas babás era desagradável para os convidados, e em Gregório Cíprio ([L] 1, 26, [M] 1, 88, [F] 1, 2) consta que o provérbio fala sobre as coisas desagradáveis, tendo relação com a gritaria feita pelas crianças quando elas eram trazidas para que fossem entretidas, o que incomodava os convidados, mas não há menção às babás. Já Hesíquio (α, 227) registra apenas que o ditado teria relação com a delação de estrangeiros, e Diogeniano (I, 1), por fim, diz que “o provérbio se refere às coisas desagradáveis”, mencionando apenas a delação de estrangeiros por parte dos “abidenses”³⁴. Contudo, essa relação por si só não parece suficiente para esclarecer o significado do ditado, além de possivelmente ter sido (como diz Zenóbio) uma relação posterior. Então é como se houvesse nesses casos uma espécie de “seleção natural” do sentido que se impôs através do uso literário ou mesmo cultural, em que Abidos poderia ser vista como uma cidade de informantes que “teriam o hábito de chantagear navios em trânsito”³⁵, e, segundo Ateneu (XII, 524f), o modo de vida dos abidenses seria “relaxado e fraco” e eles teriam o costume infringir as leis. Pode-se também imaginar alguma alusão a uma provável desfaçatez própria de delatores e sicofantas: se fazem de agradáveis (como num banquete bem servido) para depois fazerem algo desagradável, como a tal “sobremesa de Abidos”. Isto é, o provérbio fala de coisas desagradáveis que sucedem coisas supostamente agradáveis.

³³ Ἰστέον δὲ καί, ὅτι τὸ Ἄβιδος ὕστερον ἐπὶ συκοφάντου ἐτέθη παροιμιακῶς διὰ τὸ δοκεῖν συκοφάντας εἶναι τοὺς Ἀβυδηνοὺς. ὄθεν καὶ Ἀβυδοκόμαι οἱ ἐπὶ συκοφαντία κομῶντες. *Comentário à Ilíada*, β, 836, p. 559 (ed. M. van der Valk).

³⁴ Compare-se a explicação fornecida em Zenóbio com a de Diogeniano: <Ἀβυδηνὸν ἐπιφώρημα:> ἐπὶ τῶν ἀηδῶν τάττεται ἡ παροιμία. Τινὲς δὲ φασιν ἀπὸ τοῦ ἐξ αὐτῶν συκοφαντεῖσθαι τοὺς ξένους. ἐντεῦθεν Ἀριστοφάνης τὸν συκοφάντην Ἀβυδηνοκόμον ἐκάλεσεν. Os textos são muito semelhantes, e embora tenha sido excluída da explicação de Diogeniano a parte em que se diz sobre o incômodo causado pelo barulho das crianças (e suas babás) depois das refeições, ainda é dito que o provérbio se refere às coisas desagradáveis. Sendo assim, é possível que antes a explicação falasse também sobre os banquetes, mas essa parte – que esclareceria de fato o que seria “uma sobremesa de Abidos” e o motivo de ela ser desagradável – tenha se perdido devido aos resumos feitos dos códices.

³⁵ Nota de Luciano Canfora em sua tradução do *Deipnosofistas*, de Ateneu (n. 8, p. 1656).

Erasmus de Roterdã registra esse provérbio como *Abydena illatio*, “violência [ou irrupção] de Abidos”:

[...] diz-se normalmente quando alguém importuna os convivas de um banquete ou pessoas que estão fazendo qualquer outra coisa e são incomodadas pelo barulho que alguém faz. [...] Assim, quando um grupo de amigos está conversando agradavelmente e algum falastrão tagarela intervier, que com sua loquacidade torna a conversa desagradável, diremos com razão: Ἀβυδηνὸν ἐπιφόρημα (1423 [II, V, 23]).³⁶

Apesar de o provérbio atestado por Erasmo de Roterdã ser “violência de Abidos”, no restante do comentário ele informa que o termo ἐπιφόρημα significa “sobremesa”, usando como confirmação para isso a menção que Ateneu faz a esse provérbio no *Deipnosophistas*: “e Heródoto escreve no primeiro livro: ‘servem-se de poucos alimentos, mas muitas sobremesas’, entretanto a parêmia que diz ‘uma sobremesa de Abidos’ designa alguma taxa e imposto portuário”³⁷. Assim, é possível que a forma registrada por Erasmo de Roterdã tenha relação com a má fama dos abidenses.

1.2 <Ἀγαθόνιος αὔλησις>

ἡ μαλακὴ, καὶ μήτε πικρὰ μήτε χαλαρὰ, ἀλλ’ εὐκρατος καὶ ἡδίστη. Εἴρηται δὲ ἀπὸ Ἀγάθωνος αὐλητοῦ, ὃς ἐπὶ μαλακίᾳ ἐκωμωδεῖτο.³⁸

Flautear de Agatão

O delicado; nem agudo, nem lânguido, mas equilibrado e muito agradável. É dito a partir do flautista Agatão, que era ridicularizado por sua delicadeza.

A explicação presente em Diogeniano V. (I, 6) é bem semelhante à de Zenóbio (e de outras fontes paremiográficas), mas dá um sentido mais

³⁶ [...] *dici solitum, ubi quis obstrepit aut convivantibus, aut aliud quippiam agentibus et tumultu molestiam affert* [...]. *Ergo cum amicis aliquot suaviter colloquentibus interveniet rabula quispiam et immodice loquax, qui confabulationem sua loquacitate sit inamoenam redditurus, recte dicemus*: Ἀβυδηνὸν ἐπιφόρημα. Tradução feita a partir da versão francesa de Jean-Christophe Saladin, com pequenas modificações.

³⁷ XIV, 14 [641a]: καὶ Ἡρόδοτος δὲ ἐν τῇ πρώτῃ· ‘σιτίσις δὲ ὀλίγοισι χρέονται, ἐπιφορήμασι δὲ πολλοῖς.’ τὸ μέντοι κατὰ τὴν παροιμίαν λεγόμενον ‘Ἀβυδηνὸν ἐπιφόρημα’ τέλος τί ἐστίν [καὶ] ἐλλιμένιον. Na passagem de Heródoto mencionada (I, 133), ele está falando dos costumes dos persas.

³⁸ B 7; Diogeniano (Diogen.) I, 7; *Suda*, α, 125; Gregório Cíprio (G. C.) [L] I, 33, [M] I, 95, [F] I, 9; Hes. α, 281.

positivo ao provérbio e à figura de Agatão: “o bom, moderado e belo. Pois Agatão era alguém reputado na arte da flauta”³⁹.

Segundo Hesíquio (α, 281), esse provérbio se refere ao poeta trágico Agatão, a quem Aristófanes faz referência na peça perdida (da qual há apenas fragmentos) *Geritades*⁴⁰ e nas *Tesmofoariantes* (por exemplo em v. 134-145), e que seria também o Agatão presente no *Banquete* de Platão.⁴¹

[...] diz-se de um discurso que é mais agradável do que sólido. Agatão era um tocador de flauta que encantava seus ouvintes com a doçura das melodias que tocava. Há rumores de que seu caráter estava de acordo com sua música, pois ele teve de suportar uma reputação escandalosa de ser efeminado. [...] Não sei se esse é o Agatão que venceu o concurso dos poetas trágicos. Platão evoca o conhecido banquete celebrado durante as festividades que se seguiram à sua vitória. Aristófanes zomba da mesquinhez de sua poesia de mil maneiras nas *Tesmofoariantes* (Erasmus de Roterdã, *Adágios*, 1363 [II, IV, 63]).⁴²

1.3 <Ἀγαθὸν Κιλλικῶν>

λείπει τὸ ἔχει. Προδότης γὰρ γέγονεν οὗτος ὁ Κιλλικῶν, Μιλήσιος τὸ γένος, ὃς προδοῦς Μίλητον εὐπόρησεν.⁴³

Benefício de Cílicon

Falta o “tem”. Pois esse Cílicon, de raça milésia, foi um traidor, que, tendo entregado Mileto, prosperou.⁴⁴

Cílicon teria entregado Mileto aos habitantes de Priene, e quando seus conhecidos lhe perguntavam o que havia feito, respondia “tudo de bom” – daí

³⁹ <Ἀγαθόνειος αὐλησις> ἀγαθὴ καὶ μέση καὶ καλή· Ἀγάθων γὰρ τις δόκιμος εἰς αὐλητικὴν.

⁴⁰ Cf. *Poetae comici graeci (PCG)*, v. III.2, Fr. 169 (163) (p. 109).

⁴¹ Cf. *CAF*, v. I, fr. 169 (p. 431-433) e o artigo “El encomio de Agatón o acerca de la música de las palabras”, de Lucía López.

⁴² [...] *recter dicitur de oratione blanda magis quam frugifera. Agatbon tibicen quispiam erat, cantilenarum suavitate majorem in modum aures deliniens. Nec hujus mores dissimiles musicae fuisse perhibentur. Laboravit enim infamia mollitiei [...]. Haud scio, an hic sit idem ille Agatbon in tragicorum certamine victor, in cujus epiniciis Plato celebrat illud nobile convivium. Hujus multis modis Aristophanes in Thesmophoriis carminum mollitiem deridet.* Tradução feita a partir da versão francesa de Jean-Christophe Saladin.

⁴³ B 10, mas com a grafia Κιλικῶν.

⁴⁴ É registrada também a grafia Καλλικῶν (*CPG*, t. I, p. 2 [aparato crítico]).

o provérbio “tudo é bom, como dizia Cílicon” (πάντα ἀγαθά, ὡς ἔφη Κιλικῶν)⁴⁵. A partir desse verbete da *Suda* sobre a figura de Cílicon, pode ser levantada a possibilidade de que Ἀγαθὰ Κιλικῶν seria a forma abreviada do provérbio πάντα ἀγαθά, ὡς ἔφη Κιλικῶν.

Coloca-se como um obstáculo à tradução dessa parêmia o nome Κιλικῶν estar no nominativo, e não no genitivo, como se esperaria aqui. Esse problema seria resolvido pela primeira frase da explicação: *λείπει τὸ ἔχει*, isto é, “falta o ‘tem’”, ou seja, o provérbio seria “Cílicon tem bens”, “Cílicon tem coisas boas”, ou ainda “Cílicon traz coisas boas”, mas como nem todas as explicações oferecidas nas fontes paremiográficas e lexicográficas contêm essa explicação, não me pareceu adequado traduzir já incluindo o ἔχω no provérbio. Outras possibilidades são verter Κιλικῶν como se o nome estivesse no genitivo – “bens de Cílicon”, “coisas boas de Cílicon”, “benesses de Cílicon” – ou traduzi-lo literalmente (logo “benefícios Cílicon”, “benesses Cílicon”, “coisas boas Cílicon”), considerando que há em português provérbios sem verbo, como “cada macaco no seu galho”, “casa de ferreiro, espeto de pau”. Essa opção, porém, apesar de manter a força expressiva do provérbio, que vem justamente de sua construção gramatical defectiva, talvez dependa da dimensão oral para ser plenamente compreendida, sendo necessária, ao menos em português, uma pausa na modulação (algo como “Coisas boas? Cílicon!”). Deste modo, optou-se aqui por traduzir “benesses de Cílicon”, solução que não adultera o sentido da parêmia e mantém a antífrase e a ironia dela decorrente, o que também é ressaltado ao se verter ἀγαθά por “benesses”, termo que sugere que “as coisas boas” em questão na realidade são um “benefício” concedido.

Vejamos como esse provérbio foi registrado em outras fontes paremiográficas e lexicográficas:

Diogeniano, I, 9: <Ἀγαθὰ Κιλίκων> ἐπὶ τῶν ἀπὸ τῶν οὐ προσηκόντων πλουτούντων. Προδότης γὰρ τις τῶν Κιλίκων Μίλητον προδοῦς, ἠϋπόρησεν. – “Bens de cilícios”: sobre aqueles que enriquecem com as coisas que não lhes pertencem. Pois algum traidor dos cilícios, tendo entregado Mileto, prosperou.

Gregório Cíprio, I, 5: <Ἀγαθὰ Κιλίκων> ἐπὶ τῶν οὐ καλῶς πλουτούντων· προδότης γὰρ Κίλιξ τις Μίλητον προδοῦς εϋπόρησεν. – “Bens de cilícios”: sobre

⁴⁵ *Suda*, κ, 1610: <Κιλικῶν> οὐδὲν πονηρόν, ἀλλ’ ὅπερ καὶ Κιλικῶν. οὗτος παρέδωκε τὴν Σάμον. ὡσεὶ εἶπεν· οὐδὲν κακὸν ποιῶ, ἀλλ’ ἱεροσυλῶ. ἐπὶ πονηρία γὰρ ἐτεθρύλλητο ὁ Κιλικῶν, ὃς προῦδωκε Μίλητον Πριηνεῦσι. πυνθανομένων δὲ πολλάκις αὐτοῦ τίνων, τί μέλλει ποιεῖν, ἔλεγε, πάντα ἀγαθά. καὶ ἐστὶ παροιμία· πάντα ἀγαθά, ὡς ἔφη Κιλικῶν.

os que enriquecem de maneira não virtuosa. Pois um traidor cílicio, tendo entregado Mileto, prosperou.⁴⁶

Macário, I, 6: <Ἀγαθὰ Κιλίκων> λείπει τὸ ἔχει. προδότης γὰρ ὁ Κιλίκων Μιλήσιος· καὶ προδοῦς Μίλητον εὐπόρησεν. – “Bens de Cílicon”: falta o “tem”. Pois o milésio Cílicon era um traidor; e, tendo entregado Mileto, prosperou.

Suda, α, 108: <Ἀγαθὰ Κιλίκων> λείπει τὸ ἔχει. Κιλίκων δὲ ὄνομα κύριον. εὐπορος δὲ ἦν. – “Bens de Cílicon”: falta o “tem”. E Cílicon é um nome próprio. E era alguém abastado.

Note-se que em Diogeniano e Gregório Cíprio, Κιλίκων seria considerado um gentílico – isto é, um genitivo plural de Κίλιξ –, o que faz com que o provérbio seja sobre um traidor cílicio que entregou seu povo e prosperou com isso, mas na *Suda* e em Macário consta a mesma forma, Κιλίκων (e não Κιλικῶν), e fica claro que em ambos os casos trata-se de um antropônimo⁴⁷. Erasmo de Roterdã, que adota a forma Κιλικῶν, entende também como um antropônimo: “Ἀγαθὰ Κιλικῶν, é preciso subentender ‘fazer’ ou ‘possuir’. Concerne aos casos em que os bens são obtidos por meios perversos e vergonhosos” (1409 [II, V, 9])⁴⁸.

Os provérbios presentes nas fontes paremiográficas sofreram sucessivos resumos, tanto em sua forma quanto nas explicações, provocando problemas textuais ou de interpretação (García Romero, 2000, p. 99). Assim, é possível que esse provérbio tenha sido resumido durante sua transmissão – seja através de seu uso oral, já que os próprios falantes podem tê-lo abreviado, seja devido aos cortes feitos nas fontes–, e assim πάντα ἀγαθὰ, ὡς ἔφη Κιλικῶν tornou-se ἀγαθὰ Κιλίκων. Do mesmo modo, a transmissão acidentada das parêmys pode explicar a variação entre o uso do antropônimo Κιλικῶν e do (possível) gentílico Κιλίκων; essa mudança pode até mesmo ter sido feita por causa da abreviação do provérbio, uma vez que esta acabou por comprometer sua compreensão, e o uso do gentílico de certo modo pode sanar esse problema.

Há em Aristófanes uma alusão à história de Cílicon – ou ao próprio provérbio – n’*A paz*: numa cena em que Hermes pergunta a Trigeu o que pretende fazer, este responde: “nada penoso, mas como Cílicon”⁴⁹. No *Codex*

⁴⁶ Este provérbio está também em G. C. [M] I, 5.

⁴⁷ Contudo, no verbete da *Suda* sobre esse personagem (κ, 1610), consta a forma Κιλικῶν.

⁴⁸ Ἀγαθὰ κιλικῶν, *id est Bona Cillicon, subaudiendum: facit aut habet. Convenit, ubi quis malefactis ac foedis artibus sibi paravit opes*. Tradução feita a partir da versão francesa de Jean-Christophe Saladin.

⁴⁹ v. 363: Οὐδὲν πονηρὸν, ἀλλ’ ὅπερ καὶ Κιλικῶν.

Venetus Marcianus 474 é levantada a questão acerca de Κυλλικῶν ser um nome ou um epônimo; certas fontes diriam que Cílicon se chamaria também Lácon, mas segundo outras, Aqueu [Ἀχαιός], filho de Mérops; alguns dizem que ele teria entregado Samos, outros, Mileto, “e também conta Leandro no segundo livro das Miliesíacas ter [Cílicon] ainda traído Mileto, abrindo os portões [para os inimigos], e tendo um dos inimigos perguntado o porquê de ele ter feito isso, respondeu: ‘Cílicon faz só coisas boas’” (*Sch. Pac.* 363d)⁵⁰.

Diogeniano compara esse provérbio a outro, Ἀπὸ νεκρῶν φορολογεῖν, “cobrar imposto dos mortos”⁵¹, que é semelhante, por sua vez, a Κἂν ἀπὸ νεκροῦ φέρῃ, “roubaria até um defunto”: sobre aqueles que tiram proveito dos pobres” (Diogen. V, 84).⁵² Em português, tem um sentido semelhante ao de Ἀγαθὰ Κυλλικῶν o dito “presente de grego”.

1.4 <Ἄβρωνος βίος>

ἐπὶ τῶν πολυτελῶν εἴρηται ἡ παροιμία. Ἄβρων γὰρ τις ἐγένετο πλούσιος καὶ ἀβροδίαιτος. Δύναται δὲ καὶ ἀπὸ τοῦ ἄβρου τὸ ὄνομα γεγονέναι.⁵³

Vida de Hábron

O provérbio diz respeito aos perdulários. Ocorre que Hábron foi alguém rico e refinado. É possível também que o nome tenha vindo de ἄβρος [luxuoso, delicado, efeminado].

Este provérbio e sua explicação são muito parecidos nas fontes paremiográficas, mas na *Suda* e em Gregório Cíprio [V], a forma registrada é Ἄβρων, e não Ἄβρων, e, segundo consta na *Suda*, ele seria um argivo⁵⁴. Em Zen. *Athos* (V_A 1), o provérbio é ligeiramente diferente:

Ἄβρωνος βιοῖ βίον. ἐπὶ τῶν πολυτελέσι τραπέζαις χρωμένων καὶ ἄβρως καὶ ἀνειμένως ζώντων. ἐπὶ τούτων καὶ ἡ Σαρδαναπάλου τράπεζα καὶ τὸ Συβαριτῶν δαῖτες καὶ τὸ Σμινδυρίδου ἀπαλώτερος. Οὗτοι γὰρ ἅπαντες τρυφηλοὶ καὶ ἄβροὶ καὶ ἀσελγεῖς.

“Vives a vida de Hábron”: sobre aqueles que desfrutavam de mesas suntuosas e vivem de modo luxuoso e indulgente. Sobre isso também temos “uma

⁵⁰ ἱστορεῖ δὲ καὶ Λεάνδρος ἐν δευτέρῳ Μιλησιακῶν προδοῦναι Μίλητον καί, ὅτε ἀνέφξε τὰς πύλας, τῶν πολεμίων πυνθανομένου τινός, ὃ τι τοῦτο ἐποίησεν, ἀποκρίνασθαι ἄγαθὰ Κυλλικῶν.

⁵¹ *Ars.* III, 54b.

⁵² <Κἂν ἀπὸ νεκροῦ φέρῃ> ἐπὶ τῶν ἀπὸ πενήτων κερδαινόντων.

⁵³ B 2; Diogen. I, 2; D. V. I, 2; G. C. [L] I, 27, [M] I, 89, [F] I, 3; *Suda*, α, 98; E. R. 1430 (II, V, 30).

⁵⁴ α, 98: Ἄβρωνος βίος> ἐπὶ τῶν πολυτελῶν Ἄβρων γὰρ παρ’ Ἀργείοις ἐγένετο πλούσιος. ἢ καὶ ἀπὸ τοῦ ἄβρου.

mesa de Sardanápalo”, “banquetes sibaritas” e “mais delicado do que Esmindírides”. Pois todos esses são efeminados, luxuriantes e depravados.

“Uma mesa de Sardanápalo” (Σαρδαναπάλου τράπεζα) é registrado apenas aqui, e na *Suda* é mencionado o provérbio “mais devasso do que Sardanápalo” (Σαρδαναπάλου τρυφηλότερος). Sardanápalo foi um rei dos assírios, filho de Anacindaraxes, “que, tendo passado a vida em meio à libertinagem e devassidão, destruiu seu próprio governo” (*Suda*, σ, 122)⁵⁵ e em cuja tumba estaria escrito: “Isto é tudo o que tenho, o que comi e o que soberbamente cometi” (Plutarco. *A fortuna ou a virtude de Alexandre Magno*, 330F)⁵⁶.

“Banquetes sibaritas” (Συβαριτῶν δαῖτες) também só é registrado nessa explicação do Zen. *Athos*; no códice *Parisino* (V, 87) temos “mesa sibarita” ou “refeição sibarita” (Συβαριτική τράπεζα): “o mesmo que ‘com extravagância’. Pois os sibaritas são voluptuosos” (ἀντι τοῦ ἐν πολυτελείᾳ. Τρυφηταὶ γὰρ οἱ Συβαριῖται).⁵⁷ De modo semelhante, Diogeniano (I, 2) menciona em sua explicação para Ἄβρωνος βίος o provérbio “vida sibarita” (Συβαριτικός βίος), também atestado apenas aqui e em Apostólio (I, 4), que certamente teria um sentido semelhante ao de Συβαριτική τράπεζα, e ele registra ainda “sibaritas espalhafatosos’: sobre os que andam pomposamente” (<Συβαριῖται διὰ πλατείας> ἐπὶ τῶν σοβαρῶς πορευομένων. VIII, 10).⁵⁸ Interessa notar aqui que em português o termo “sibarita” é usado também como sinônimo de “depravado”,⁵⁹ sendo definido como “uma pessoa que leva vida exclusivamente ociosa e sensual, como o fariam os habitantes de Síbaris” (*Aulete*, s.v. Sibarita).

Outro provérbio mencionado por Diogeniano por ser semelhante a Ἄβρωνος βίος é “uma mesa siciliana” (ou “refeição siciliana”, Σικελική τράπεζα): “sobre os que são muito voluptuosos” (ἐπὶ τῶν ἄγαν τρυφηλῶν, Diogen. VIII, 7),⁶⁰ “sobre os que são realmente extravagantes e voluptuosos” (ἐπὶ τῶν πάνυ

⁵⁵ Σαρδανάπαλος δὲ, Ἀσσυρίων βασιλεὺς, ὃς ἐπὶ ἀκολασίᾳ καὶ τρυφῇ διαβίους κατέλυσε τὴν ἰδίαν ἀρχήν. ὁ δὲ Σαρδανάπαλος οὗτος υἱὸς ἦν Ἀνακυνδαράξου [...].

⁵⁶ Tradução de Renan Marques Liparotti, ligeiramente modificada.

⁵⁷ Registrado também em B 844; G. R. III, 68.

⁵⁸ Zen. V, 88; B 845; Hes. σ, 2132; *Suda*, σ, 1271. Em Macário (VII, 87) consta: “sibaritas espalhafatosos’: sobre aqueles que com arrogância se excedem; pois são assim os sibaritas” (<Συβαριῖτης διὰ πλατείας πλατύων> ἐπὶ τῶν ἀλαζονείᾳ ὑπερβαλλόντων· τοιοῦτοι γὰρ οἱ Συβαριῖται). Cf. ainda Tosi, 2010, s.v. 961. Συβαριῖται διὰ πλατείας seria literalmente “sibaritas pelas ruas”, “sibaritas por avenidas”, “Sibaritas que se espalham”. Πλατύς traz a ideia de amplidão, espaço aberto, largo, designando aqui pessoas “folgadas”, “espalhafatosas”, que se espalham, que justamente não têm um comportamento contido, o oposto de recatado.

⁵⁹ Cf. *Aulete*, s.v. Depravado.

⁶⁰ B 836; G. C. III, 68.

πολυτελῶν καὶ τρυφηλῶν, *Suda*, σ, 390), que por sua vez é semelhante a “mesa de Siracusa” (ou “uma refeição de Siracusa”, Συρακουσία τράπεζα): “o caro. Pois se pensava que os sicilianos eram mais pomposos do que todos os outros” (ἢ πολυτελής. Ἐδόκουν γὰρ οἱ Σικελιωταὶ ἀβροδίατοι εἶναι μᾶλλον πάντων, Zenob. V, 94).⁶¹

Voltando a Ἄβρωνος βίος, certamente Ἄβρων é um nome falante – como já fica evidente na própria explicação de Zenóbio – que vem de ἀβρός e significa “refinado”, “luxuoso”, existindo ainda na língua grega os termos πάναβρος (“muito refinado”) e ἀβροδίατος (“que vive com refinamento”), usado na explicação do provérbio.

O primeiro sentido de ἀβρός (e de πάναβρος e ἀβροδίατος, consequentemente) é “delicado”, “graciosidade”, “efeminado” e assim poderíamos entender que Hábron seria uma pessoa “opulenta e fresca”, “opulenta e efeminada”. Contudo, as explicações oferecidas tanto para Ἄβρωνος βίος como para todos os provérbios semelhantes a ele sugerem que eles se referem a pessoas ricas e extravagantes, e não a pessoas efeminadas ou excessivamente delicadas. Assim, uma palavra constantemente usada aqui para traduzir os provérbios ligados a Ἄβρωνος βίος e suas respectivas explicações (como em Σαρδαναπάλου τρυφηλότερος, por exemplo) foi “voluptuoso”, “voluptuosidade”, que abarca tanto o sentido de alguém que vive com deleite, como o de alguém libidinoso (estando mesmo entre os sinônimos de “efeminado” no *Dicionário Aulete*).

1.5 <Ἀγορὰ Κερκόπων>

ἐπὶ τῶν πονηρῶν καὶ κακοήθων λέγεται. Κέρκωπες γὰρ ἀπατεῶνες ἐγένοντό τινες, ἐξαπατήσαι τὸν Δία βουλόμενοι.⁶²

Mercado dos Cércopes

É dito sobre os patifes e maliciosos. Pois os Cércopes eram tipos trapaceiros que planejavam enganar Zeus.

O primeiro ponto a ser comentado aqui é a tradução: é possível também verter Ἀγορὰ Κερκόπων por “reunião de Cércopes”, mas aqui optou-se por “mercado dos Cércopes” pela relação com o “mercado [ou ‘praça’] de Cércopes” – a Ἀγορὰ Κερκόπων –, que ficava em Atenas, perto da Heliéia⁶³, um lugar importante de comércio, com uma grande afluência de pessoas e onde

⁶¹ B 848; *Suda*, 1659; Mac. VII, 92.

⁶² B 3; Diogen. I, 3; Diogen. V. I, 3; G. C. I, 3, [M] I, 3; Macário I, 4; Apost. I, 18.

⁶³ Praça de Atenas onde se reunia o tribunal dos Heliastas, isto é, os membros do tribunal supremo ateniense (Baillly, *s.v.* Ἡλιαία e ἡλιαστής).

provavelmente se vendiam e compravam objetos roubados e se praticavam outros negócios ilícitos⁶⁴.

Passando, então, aos Cércopes – já que a compreensão de quem eles seriam é essencial para a compreensão tanto do provérbio, como do nome da praça em questão –, vejamos o seguinte verbete de Fócio (*Lexicon*, κ, 157.22-158,2):

<Κέρκωπες> ἐξαπατητῆρες· ἱστοροῦνται καὶ ψεῦσται οἱ Κέρκωπες· Ξεναγόρας δὲ εἰς πιθήκους αὐτοὺς μεταβαλεῖν φησί· καὶ τὰς Πιθηκούσας νήσους ἀπ’ αὐτῶν κληθῆναι· δύο δὲ ἦσαν οἱ Κέρκωπες· ὧν ὁ μὲν Ἄνδουλος, ὁ δὲ Ἄτλαντος ὀνομάζεται.

Cércopes: enganadores. Os Cércopes são descritos também como mentirosos; Xenágoras⁶⁵ diz que eles viraram macacos, e as ilhas Pithecusas [i.e., as “ilhas dos macacos”] são chamadas assim por causa deles. Eram dois os Cércopes: um se chama Ândulo, e o outro, Atlanto.

Por sua vez, a *Suda* (κ, 1405)⁶⁶ conta que havia dois irmãos malfeitores que foram chamados de Cércopes por causa de sua lábia ao praticar as más ações; “um deles era chamado de Pássalo, e o outro, de Ácmon”, mas segundo outras fontes, seus nomes seriam Cândulo e Atlas⁶⁷. No mesmo verbete da *Suda* há duas versões do mito: uma diz que segundo Xenágoras eles foram transformados em macacos por causa de seu mau-caratismo, e a outra conta que eles seriam filhos de Oceano e Teia, e que, ao tentar enganar Zeus, foram transformados em pedra⁶⁸.

⁶⁴ Fócio. *Léxico*, α, 236: <Ἀγορὰ Κερκόπων> Ἀθήνησι πλησίον τῆς Ἡλιαίας, ἐν ἣ ἡ μάλιστα τὰ κλοπιμαῖα πηράσκονται καὶ ὀνοῦνται· τοιοῦτους γὰρ καὶ τοὺς Κέρκωπας παρειλήφαμεν, κλέπτας καὶ πανούργους. Hes. α, 705: <Ἀγορὰ Κερκόπων> τόπος πλησίον Ἡλιαίας. Veja-se também D.L. IX, 114: “Dizem que tendo ele [Timão] visto Arcesilau cruzar pela praça dos Cércopes, disse: ‘o que fazes tu aqui, onde estamos nós, os homens livres?’”.

⁶⁵ Historiador e geógrafo grego provavelmente do séc. III a.C. Fócio se refere aqui ao trabalho intitulado Περὶ νήσων (*Sobre as ilhas*).

⁶⁶ Há dois verbetes para Κέρκωπες na *Suda*: neste é explicado quem são os irmãos que receberam esse nome, e no κ, 1406 explica-se o sentido do nome comum Κέρκωπες, sentido esse que provavelmente se deve ao mito dos irmãos.

⁶⁷ Não se confunda com o titã Atlas.

⁶⁸ <Κέρκωπες> δύο ἀδελφοὶ ἦσαν ἐπὶ γῆς, πᾶσαν ἀδικίαν ἐπιδεικνόμενοι, καὶ ἐλέγοντο Κέρκωπες, ἐκ τῆς τῶν ἔργων δεινότητος οὕτως ἐπονομαζόμενοι. ὁ μὲν γὰρ αὐτῶν Πάσσαλος ἐλέγετο, ὁ δὲ Ἄκμων. ἡ δὲ μήτηρ Μεμμονίς ταῦτα ὀρῶσα ἔλεγε, μὴ περιτυχεῖν Μελαμύγω, τουτέστι τῷ Ἡρακλεῖ. φησὶ δὲ αὐτοὺς ὁ Ξεναγόρας εἰς πιθήκους μεταμορφωθῆναι διὰ τὴν κακοθήθειαν, καὶ τὰς Πιθηκούσας ἀπ’ αὐτῶν ὀνομασθῆναι νήσους. τὰ δὲ ὀνόματα αὐτῶν Κάνδουλος καὶ Ἄτλας. οὗτοι οἱ Κέρκωπες Θείας καὶ Ὠκεανοῦ· οὗς φασιν ἀπολιθωθῆναι διὰ τὸ ἐγχειρεῖν ἀπατησαι τὸν Δία. Veja-se ainda Suetônio, Περὶ βλασφημιῶν καὶ πόθεν ἐκάστη, IV, 22: Κέρκωπες· οἱ πανούργοι καὶ ἀπατηλοί, <οἷτινες ἄρα καὶ ἦσαν ἐκεῖνοι, εἴτε οἱ ἐξ Ὠκεανοῦ

Conforme consta em outras fontes⁶⁹, os Cércopes moravam na Beócia, eram da raça ecália, seus nomes eram Silo e Tríbalo, e ambos eram conhecidos por serem perjuros e preguiçosos. Já segundo Ésquines, os Cércopes se chamavam Ândulo e Atlas. É dito ainda que o nome *Cércopes* designava um grupo de ladrões e homens perversos que foram punidos por Hércules por roubar o gado de Gerião⁷⁰; há ainda quem diga que eles eram de Éfeso, e, por ordem de Ônfale, filha de Iárdano, Hércules prendeu-os, tendo matado alguns e entregado outros a Ônfale.⁷¹ Conta Ovídio, por fim, que os Cércopes foram transformados por Zeus em macacos:

De facto, o pai dos deuses, odiando as intrujices e mentiras dos Cercopes, e as malfetorias desta raça de burlões, um dia transformara os homens em disformes animais, de forma que figurassem diferentes do homem, mas ainda assim parecidos: reduz-lhes o tamanho dos membros, vira o nariz para cinta e achata-o, sulca-lhes o rosto com fundas rugas das velhas, e, cobrindo-lhes o corpo todo com uma pelagem amarelada, envia-os para este local. Mas, antes disso, subtraiu-lhes o uso da fala e o da língua, nascida para tremendas mentiras: deixou só poderem lamuriar-se com roufenhos guinchos. (*Metamorfoses*, XIV, 91-100).⁷²

Mesmo com as diferenças relativas aos nomes dos dois irmãos, onde eles viviam e se foram transformados em macacos ou em pedra, o ponto

καὶ Θεΐας εἶναι μυθεύμενοι εἶτε καὶ ἕτεροι οὗς καὶ ἀπολιωθῆναι φασὶ διὰ τὸ ἐπιχειρεῖν ἀπατησαὶ τὸν Δία. Ἔτεροι δὲ φασὶ νήσων οἰκιστὰς ὄντας Κέρκωπας ἀλλοιωθῆναι θεόθεν διὰ κακοήθειαν εἰς πιθήκων μορφὰς καὶ παρασεχεῖν ὄνομα τῷ τόπῳ τὰς Πιθηκούσας.

⁶⁹ Xenágoras, Fr. 14, *Fragmenta Historicorum Graecorum (FHG)*, IV, p. 528: Schol. ad Lucian. Alex. c.: [ὑπὲρ τοὺς Κέρκωπας] οὗτοι ἐν Βοιωτίᾳ διέτριβον Οἰγαλιεῖς ὄντες γένος, Σίλλος καὶ Τριβαλλὸς ὀνομαζόμενοι, ἐπίορκοι καὶ ἀργοί..... Ἀπελιθώθησαν δὲ οὗτοι, ὡς Φερεκῶδης φησί. Ξεναγόρας δὲ εἰς πιθήκους διὰ κακοήθειαν μεταβαλεῖν φησὶν ἐν τῷ Περὶ νήσων.

Harrocratation: Κέρκωψ· Αἰσχίνης ἐν τῷ Περὶ τῆς πρεσβείας. Ἐν τοῖς εἰς Ὅμηρον ἀναφερομένοις Κέρκωψιν δηλοῦται ὡς ἐξαπατητήρες τε ἦσαν καὶ ψεῦσταὶ οἱ Κέρκωπες. Ξεναγόρας δὲ εἰς πιθήκους αὐτοὺς μεταβαλεῖν φησι, καὶ τὰς Πιθηκούσας νήσους ἀπ' αὐτῶν κληθῆναι. Αἰσχίνης δὲ ὁ Σαρδιανὸς ἐν τοῖς Ἰάμβοις καὶ τὰ ὀνόματα αὐτῶν ἀναγράφει, Ἀνδοῦλον καὶ Ἄτλαντον.

⁷⁰ *Scholía In Aeschinem*, II, 40: οἱ κέρκωπες γένος τι ὑπῆρχον ληστῶν καὶ πανούργων περὶ τὴν Λιγύνην, οὗς ἐτιμωρήσατο Ἡρακλῆς διὰ τὴν κλοπὴν τῶν βοῶν τοῦ Γηρύονος.

⁷¹ *Suda*, α, 301: <Ἀγορὰ Κερκόπων> οὗτοι ἐν Ἐφέσῳ ἦσαν, οὗς ἔδησεν Ἡρακλῆς, Ὀμφάλης κελευούσης· οὗς ἀποκτείνειν ἠδέεσθη, τῆς μητρὸς δεηθείσης. ἡ δὲ παροιμία εἴρηται ἐπὶ τῶν κακοήθων καὶ πονηρῶν ἀνθρώπων. Esse episódio é contado também por Apolodoro (II, 6, 3), por Diodoro Sículo (IV, 31, 7)

⁷² Tradução de Paulo Farmhouse Alberto.

comum de todas as versões era o seu mau-caratismo. Seu comportamento estaria inclusive na origem de uma (outra) parêmia: *Κερκωπίζειν*⁷³, “fazer-se de Cércope”, que significa “agir traiçoeiramente” (*δολιεύεσθαι*; Diogen. V, 51), ou, como é explicado em Zenóbio:

<Κερκωπίζειν> ἡ παροιμία ἀπὸ τῶν προσσαινόντων τῇ κέρκῳ ζῶων μετενήνεκται. Ἄμεινον δὲ ἀπὸ τῶν Κερκόπων, οὓς περὶ τὴν Λυδίαν ἱστοροῦσιν ἀπατηλοὺς σφόδρα καὶ ἀηδεῖς γενέσθαι· παρ’ ὃ καὶ ἀπολιθωθῆναι αὐτοῦς (Zen. IV, 50).⁷⁴

Fazer-se de Cércope: A parêmia é uma metáfora sobre os animais que bajulam abanando o rabo [κέρκος]. Mas é mais propriamente a respeito dos Cércopes, sobre os quais se conta que nas cercanias da Lídia foram extremamente enganadores e desagradáveis, e por isso eles foram petrificados.

Desse modo, o provérbio *Κερκωπίζειν* é aplicável àqueles que fingem simpatia e amizade para, com as palavras, cativar a boa-fé de suas “vítimas”. Nota-se, então, que o nome *Cércopes* se tornou sinônimo de “mentiroso”, “enganador”, como fica claro no seguinte verbete da *Suda* (κ, 1406), em que é explicado o significado do nome comum *Κέρκωπες*:

<Κέρκωπες> πανοῦργοι, δόλιοι, ἀπατεῶνες, κόλακες· οἱ, καθάπερ ἡ ἀλόπηξ τοὺς θηρατικοὺς κύνας ἀπατᾷ, τοὺς ἀπλουστέρους φενακίζουσι τῇ κέρκῳ τῶν λόγων· φασὶ τοὺς Κέρκωπας γενέσθαι, ψεύστας, ἡπεροπῆας, ἀμήχανά τ’ ἔργ’ εἴσαντας, ἐξαπατητῆρας· πολλὴν δ’ ἐπὶ γαῖαν ἰόντες ἀνθρώπους ἀπάτασκον, ἀλώμενοι ἡματα πάντα.

Cércopes: espertalhões, traiçoeiros, enganadores, parasitas: os que, assim como a raposa engana os cães de caça, ludibriam os simples abanando o rabo [κέρκος] com as palavras. Dizem que os Cércopes foram mentirosos, trapaceiros, enganando e praticando ações inimagináveis. E eles enganaram muitos dos homens por toda a terra, vagando o dia inteiro.

Na literatura, temos um exemplo desse uso em Ésquines, que qualifica Demóstenes como *κέρκωψ*, *παιπάλημα* e *παλίμβολον* (algo como “ardiloso”, “volúvel”⁷⁵ e “inconstante”) por falar com cada pessoa próxima, de repente,

⁷³ Vemos aqui a amplitude do termo *παροιμία*, discutido anteriormente neste artigo: nós, falantes da língua portuguesa, talvez não vejamos um simples verbo como um *provérbio*, e sim como uma figura de linguagem, mas ele é atestado nas fontes paremiográficas gregas como uma *παροιμία*.

⁷⁴ B 537; D. V. II, 100; G. C. [L] II, 47, [M] IV, 4, [F] II, 19; Apost. IX, 64; *Suda*, κ, 1405, 1407.

⁷⁵ Segundo consta nos escólios a Ésquines, *παιπάλα* se refere àquelas pessoas que não bajulam nem nobres e nem os simples, mas têm opiniões dissimuladas e oscilantes (*παιπάλα* τοὺς

de maneira inesperada e amigável⁷⁶; isto é, Demóstenes era alguém malicioso e dissimulado. Ainda, como informa Erasmo de Roterdã, “alguns dizem que em Atenas e Éfeso, por causa das suas imposturas e artimanhas, alguns eram chamados κέρκωπας (aproximadamente ‘homens com cauda’) [...]” (E. R. 1635 [II, VII, 35]);⁷⁷ ou seja, são pessoas que “abanam o rabo” para conquistar a simpatia das pessoas (como um cão) e depois as enganam.

Por fim, merecem atenção os seguintes provérbios, que, por seu sentido, são semelhantes a Ἀγορὰ Κερκόπων:

- a) Λύκου δεκάς, “os dez de Lico”: “sobre os patifes e maliciosos” (ἐπὶ τῶν πονηρῶν καὶ κακοήθων, Macário, V, 74); “sobre os patifes e traidores” (ἐπὶ τῶν πονηρῶν καὶ προδοτῶν. Zen. *Coislin.*, 320).⁷⁸
- b) Κρωβύλου ζεύγος, “parelha de Cróbulo”: parêmia aplicada àqueles que usam de uma perversidade excessiva (παροιμία ἐπὶ τοῖς ὑπερβαλλούσῃ πονηρία κεκρημένοις ταττομένη. Zen. IV, 69).⁷⁹

Λύκου δεκάς se refere ao fato de que diante do tribunal de Atenas havia uma estátua do herói Lico, e se reuniam ali, em grupos de dez, aqueles que recebiam suborno e os sicofantas⁸⁰. Cróbulo, por sua vez, teria sido um cafetão que adquiriu duas cortesãs (daí a relação com a parelha) e com elas corrompeu muitos jovens e enganou-os.⁸¹

[Recebido em março/2025; Aceito em junho/2025]

τραχεῖς τόπους καλοῦσιν. τὸν οὖν μὴ εὐγενῆ μηδ’ ἀπλοῦν οὕτω προσαγορεύουσιν. Ἄλλως. τοὺς μὴ εὐθεῖς ταῖς γνώμαις, ἀλλὰ πλαγίους καὶ ποικίλους οὕτως ἐκάλουν [escólio à passagem II, 40]).

⁷⁶ Περί τῆς Παραπρεσβείας, II, 40: Αφορμώντων δὲ ἡμῶν οἴκαδε ἐκ τῆς πρεσβείας, ἐξάιφνης κατὰ τὴν ὁδὸν παραδόξως καὶ φιλανθρώπως πρὸς ἕκαστον διελέγετο. Ὅτι μὲν οὖν ποτὶ ἦν ὁ κέρκωψ ἢ τὸ καλούμενον παιπάλημα ἢ τὸ παλιμβολον ἢ τὰ τοιαῦτα ῥήματα, οὐκ ἤδεν πρότερον· νυνὶ δὲ ἐξηγητὴν τοῦτον λαβὼν τῆς ἀπάσης κακοθείας μεμάθηκα.

⁷⁷ *Quidam aiunt quosdam ob imposturas et malas artes κέρκωπας quasi caudatos appellatos fuisse apud Ephesios atque Athenienses [...].* Tradução feita a partir da versão francesa de Jean-Christophe Saladin.

⁷⁸ Zen. V, 2; B 616; Hes. λ, 13, 99; *Suda*, η, 271, λ, 820.

⁷⁹ Zen. *Atb.* II, 26; B 560; Diogen. V, 65; Hes. κ, 4267.

⁸⁰ Zen. V, 2: Ἐπειδὴ Λύκος ὁ ἦρωσ πρὸς τοῖς ἐν Ἀθήναις δικαστηρίοις ἴδρυτο, τοῦ θηρίου τὴν μορφήν ἔχων, ἐνθα οἱ δωροδοκοῦντες καὶ συκοφάνται κατὰ δέκα γενόμενοι συνεστρέφοντο.

⁸¹ Zen. IV, 69: Μετενήκεται δὲ ἀπὸ πορνοβοσκοῦ τινὸς Κρωβύλου, ἑταίρας κτισμένου δύο, ὡς μὴ μόνον ἐπὶ ταύταις πολλοὺς τῶν νέων λυμαίνεσθαι, ἀλλὰ καὶ ἐξ ὧν ἐκλεπτεν [ἐλυμαίνετο].

a) Edições e traduções de textos antigos

- AESCHINES. *Eschine. Discours*. Ed. V. Martin; G. de Budé. V. 1. Paris: Les Belles Lettres, 1962.
- ATENEO. *I deipnosofisti: i dotti a banchetto*. Trad. Luciano Canfora. V. III. Roma: Salerno Editrici, 2001.
- ATHENAEUS. *Deipnosophistae*. Ed. G. Kaibel. 3 vol. Leipzig: Teubner, 1887-1890.
- BASILIIUS. Homilia in principium proverborum. In: *MPG* 31, 1857.
- CHRYSIPPUS. Fragmenta ad singulos libros relata. In: ARNIM, J. (Ed.). *Stoicorum veterum fragmenta*. V. 3. Leipzig: Teubner, 1903.
- CRUSIUS, Otto. *Analecta critica ad paroemiographos graecos*. Leipzig: B. G. Teubner, 1883.
- DIOGENES LAERTIUS. *Diogenis Laertii vitae philosophorum*. Ed. H. S. Long. 2 v. Oxford: Clarendon Press, 1964.
- ÉRASME DE ROTTERDAM. *Les Adages d'Érasme*. Ed. Jean-Cristophe Saladin. Paris: Belles Lettres, 2010.
- ÉRASME DE ROTTERDAM. *Les Adages*. Trad. sous la direction de Jean-Christophe Saladin. 5 v. Paris: Belles Lettres, 2013. (Collection Le Miroir des Humanistes).
- ERASMUS. *Collected Works of Erasmus*. Trad. John N. Grant, Margaret Mann Phillips, R. A.B. Mynors, Denis L. Drysdall e Betty I. Knott. University of Toronto Press, 1982-2016.
- ETYMOLOGICUM Magnum. Edited by T. Gaisford. Oxford: Oxford University Press, 1848.
- EUSTATHIUS. *Eustathii archiepiscopi Thessalonicensis commentarii ad Homeri Iliadem pertinentes*. Ed. M van der Valk. 4 v. Leiden: Brill, 1971-1987.
- FRAGMENTA Historicorum Græcorum. Ed. C. Muller. v. IV. Paris: Fimin Didot, 1851. GAISFORD, T. (ed.). *Paroemiographi græci*. Oxford: University Press, 1836.
- HESYCHIUS. *Hesychii Alexandrini Lexicon*. Ed. Kurt Latte. V. 1. Copenhagen: Munksgaard, 1953.
- HESYCHIUS. *Hesychii Alexandrini Lexicon*. Ed. Kurt Latte. V. 2. Copenhagen: Munksgaard, 1966.
- HESYCHIUS. *Hesychii Alexandrini Lexicon*. Ed. M. Schmidt. V. 3. Iena: Sumptibus F. Maukii, 1861.
- HESYCHIUS. *Hesychii Alexandrini Lexicon*. Ed. M. Schmidt. V. 4. Iena: Sumptibus F. Maukii, 1862.
- HOLWERDA, D. (Ed.). *Scholia in Vespas, Pacem, Aves et Lysistratam*. Groningen: Bouma, 1982.
- KASSEL, R; AUSTIN, C. (Ed.). *Poetae Comici Graeci*. V. III.2. Berlin: De Gruyter, 1984. KOCK, T. (Ed.). *Comicorum Atticorum Fragmenta*. 3 v. Leipzig: Teubner, 1880-1888.
- LELLI, E. (a cura di). *I proverbi greci: le raccolte di Zenobio e Diogeniano*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2007.
- MILLER, E. (ed). *Melanges de litterature grecque*. Cambridge: University Press, 1868.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Cotovia, 2007.
- PHOTIUS. *Photii patriarchae lexicon*. Ed. C. Theodoridis. V. 1. Berlin: De Gruyter, 1982.
- PHOTIUS. Φωτίου τοῦ πατριάρχου λέξεων συναγωγή. Ed. R. Porson. T. 1-2. Cambridge: University Press, 1822.
- PLUTARCHUS. *Plutarchi vitae parallelae – Aratus*. Ed. Ziegler, K. V. 3. Leipzig: Teubner, 1971.
- PLUTARCO. *A fortuna ou a virtude de Alexandre Magno*. Trad. Renan Marques Liparotti. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

- PROVERBIOS Griegos: Menandro – sentencias. Introducción, traducción y notas de Rosa María Mariño Sánchez-Elvira y Fernando García Romero. Madrid: Gredos, 1999. (Biblioteca Clásica Gredos, 272).
- SCHOTT, A. (ed.). Παροιμιαί ἑλληνικαί: *adagia sive proverbialia graecorum*. Antwerpen: Officina Plantiniana, 1612.
- SCHULTZ, F. (Ed.). *Aeschinis orationes (Scholia in Aeschinem)*. Leipzig: Teubner, 1973.
- SUÉTONE. Περὶ βλασφημιῶν. Περὶ παιδιῶν. Ed. J. Taillardat. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- SUIDAE Lexicon. Ed. A. Adler. 4 v. Leipzig: Teubner, 1928-1971.
- SYNESIUS. *Synesii Cyrenensis opuscula*. Ed. N. Terzaghi. Roma: Polygraphica, 1944.
- THEOPHRASTUS. *Theophrasti Eresii opera, quae supersunt, omnia*. Herausgegeben von F. Wimmer. Paris: Firmin Didot, 1866.
- VON LEUTSCH, E. L.; SCHNEIDEWIN, F. G. (Ed.). *CPG*. V. 1. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1839.
- VON LEUTSCH, E. L.; SCHNEIDEWIN, F. G. (Ed.). *CPG*. V. 2. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1851.
- ZENOBIOS. *Der erste Teil der fünften Athos-Sammlung griechischer Sprichwörter*. Ed. Maria Spyridonidou-Skarsouli. Berlin: De Gruyter, 1995.
- ZENOBIOS. *Zenobii Athoi Proverbia*. Ed. W. Bühler. v. IV. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982.

b) Referencial teórico geral

- ASSIS, M. de. *Papéis avulsos*. São Paulo: W. J. Jackson Inc., 1961. (Coleção Obras Completas de Machado de Assis, v. 12).
- BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1950.
- BEEKES, R. *Etymological Dictionary of Greek*. 2 v. Leiden: Brill, 2010.
- CANCIK, H.; SCHNEIDER, H. (Ed.). *Der Neue Pauly: Enzyklopadie der Antike*. Alterum Band 9 – Or-Poi. Stuttgart: J. B. Metzler, 2000.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.
- DICIONÁRIO Aulete Digital. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 01 mar. 2025.
- GARCÍA ROMERO, F. Algunos problemas textuales en la transmisión del *Corpus Paroemiographorum Graecorum*. *Synthesis*, La Plata, v. 7, p. 99-111, 2000.
- GARCÍA ROMERO, F. Sobre la etimología de “paroimía”. *Paremia*, Madrid, v. 8, p. 119-224, 1999.
- GARCÍA ROMERO, F.; SÁNCHEZ-ELVIRA, R. M. M. Introducción. In: PROVERBIOS Griegos: Menandro – sentencias. Introducción, traducción y notas de Rosa María Mariño Sánchez-Elvira y Fernando García Romero. Madrid: Gredos, 1999, p. 9-66. (Biblioteca Clásica Gredos, 272.)
- GUEVARA DE ÁLVAREZ, M. E. Sobre la tradición paremiográfica homérica. *Revista Estudios Clásicos*, Cuyo (Argentina), n. 34, p. 39-64, 2007.
- LELLI, E. Towards a Classification of Greek Proverbs. *Paremia*, Madrid, v. 16, p. 139-148, 2007.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S. *Greek-English Lexicon*. New York: Harper & Brothers, 1883.
- MIMOSO, A. B. de F. Provérbios: uma fonte para a História da Educação. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, v. 12, p. 155-163, 2008.

- MOREIRA, T. T. O intertexto proverbial: a força determinante da experiência enunciada. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/literaficas/literatura-cabo-verdiana-2/1718-terezinha-taborda-moreira-o-intertexto-proverbial-a-forca-determinante-da-experiencia-enunciada>>. Publicado em 25 jul. 2022. Acesso em: 8 jan. 2024.
- RICOEUR, P. *Sobre a tradução*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- RUPRECHT, K. *παροιμία*. In: WISSOWA, G. (Ed.). *Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*. Stuttgart: J. B. Metzler, 1949.
- SMITH, W. (Ed.). *Greek and Roman Biography and Mythology*. V. II. London: Taylor, Walton, and Maberly, 1849.
- SOUSA, L. M. C. A potência literária e epistemológica do Provérbio: um novo local de enunciação. *Caderno Seminal Digital*, ano 23, n. 28, v. 1, jul.-dez. 2017.
- TOSI, R. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- URBANO, H. Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares. *Revisa Investigações*, Pernambuco, v. 21, n. 2, p. 31-56, 2008.
- VALPY, F. E. J. *An Etymological Dictionary of the Latin Language*. London: A. J. Valpy, 1828.
- WISSOWA, G.; KROLL, W. (Ed.). *Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*. Band 14. Stuttgart: J. B. Metzler, 1912.
- YAO YAO, J.-M. Traduction des proverbes, la réversibilité autrement. *Didaskein – Revue Internationale des Sciences du Langage, de Didactique et de Littérature*, Djelfa, v. 1, n. 1, p. 35-53, 2020.
- ZUCKER, A. Clearchus and Paremiology. In: MAYHEW, R.; MIRHADY, D. C. (Eds.). *Clearchus of Soli: Text, Translation, and Discussion*. Text and Translation by Tiziano Dorandi and Stephen White. London; New York: Routledge, 2022. p. 479-515.